

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.8-116>

PAISAGENS ALIMENTARES URBANAS – UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA DAS URBANIDADES CONTEMPORÂNEAS

Monica Guerra da Rocha

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6729>

Submetido em: 2023-09-04

Postado em: 2023-09-18 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Carlos Fortuna (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3102-3710>)

PAISAGENS ALIMENTARES URBANAS – UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA DAS URBANIDADES CONTEMPORÂNEAS

Mónica Filipa Martins Guerra da Rocha

<https://www.cienciavita.pt//4F10-4D0C-2C03>

<https://orcid.org/0009-0006-4114-4096>

mfmguerra@gmail.com

Universidade de Coimbra - Centro de Estudos Sociais. Coimbra, Portugal.

RESUMO: Todas as interações que os sujeitos têm com a comida (onde comem, quando, com quem, o quê, em que contextos etc.) definem e são definidas pelos territórios e as sociabilidades neles inseridas. Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre a possibilidade de as paisagens alimentares urbanas, entendidas enquanto resultado do nexus entre *sujeitos-comida-territórios*, serem produtoras de espaço-tempo social, aproximando a prática e o sistema alimentar do estudo das urbanidades a partir de uma integração desta com as dimensões de espaço-tempo social propostas por Lefebvre. Os resultados são obtidos a partir de uma revisão de literatura, e ilustrada por exemplos em contextos multidisciplinares onde o nexus *comida-pessoas-territórios* desvenda possibilidades de ler espaço(s), tempo(s) e sociabilidade(s).

Argumenta-se que todo o comer é, ultimamente, a experiência de habitar (e digerir) o mundo, e uma forma de urbanidade que reproduz, produz e é produzida pela interseção entre o espaço produzido, o espaço praticado e o espaço representacional. Sendo o único ato fisiológico e sensorial absolutamente condicionado culturalmente, compartilhado e especializado em uma rede possivelmente infinita de relações, comer poderá constituir uma experiência radical de produção de espaço-tempo social.

Palavras-chave: paisagens alimentares, espaço-tempo-social, urbanidades, sitopia, lefébvre.

URBAN FOODSCAPES – A POSSIBILITY FOR READING CONTEMPORARY URBANITIES

ABSTRACT: All interactions that people have with food (where they eat, when, with whom, what, in what contexts, etc.) define and are defined by the territories and the sociabilities inserted in them. This communication aims to reflect on the possibility of urban foodscapes, understood as a result of the nexus between subjects-food-territories, being producers of social space-time, placing the food practices and the food system closer to the study of urbanities, based on its integration with the dimensions of social space-time proposed by Lefebvre. The results are obtained from a literature review, and illustrated by examples in multidisciplinary contexts where the food-people-territories nexus reveals possibilities of reading space(s), time(s) and sociability(s).

It is argued that all eating is, ultimately, the experience of inhabiting (and digesting) the world, and a form of urbanity that reproduces, produces, and is produced by the intersection between produced space, practiced space and representational space. Being the only physiological and sensorial act culturally conditioned, shared and spatialized in a possibly infinite network of relationships, eating can constitute a *radical* experience of social space-time production.

Keywords: foodscapes; social-space-time; urbanities; sitopia; lefébvre.

I. INTRODUÇÃO

Interrogar o processo de produção e reprodução do espaço urbano e dos modos de viver as cidades tem sido tema recorrente do estudo das urbanidades. Como o espaço urbano é produzido a partir das dinâmicas sociais e os contextos locais é central em autores de diversas disciplinas das ciências sociais e do estudo dos espaços. Desde Lefebvre e o seu enfoque na importância dos cotidianos, passando por Harvey, Sennet, Roy, Michel de Certeau, Walter Benjamin, Jane Jacobs, Gehl (para citar apenas alguns) diversas escolas do pensamento do urbano têm colocado a prática e experiência da cidade no centro da sua atenção.

A diversidade e complexidade inerente ao estudo das experiências práticas de habitar as cidades, reivindica abordagens que sejam capazes de incorporar uma miríade de escalas e disciplinas em co-relação, esperanças sociológicas renovadas, atualizações acerca das novas geografias das cidades deste século, e uma capacidade de ver para além do que é visível. As práticas cotidianas, dos sujeitos ordinários, quando interrogadas com atenção poderão desvendar processos e dinâmicas territoriais em curso na produção das urbanidades – ou dos modos de habitar os territórios urbanos. Entre as inúmeras práticas dos cotidianos, comer constitui aquela que integra simultaneamente as necessidades biológicas e naturais com as conceitualizações simbólicas e culturais. O comer urbano, ato primitivo e comunal, é concebido e materializado no espaço, no tempo e a partir de um conjunto de relações sociológicas.

No contexto urbano, o nexos entre pessoas, comida e territórios, produz a *paisagem alimentar urbana*. A comida na cidade é produto e produtora de espaços, de tempos e de relações sociais, o que configura a paisagem alimentar urbana enquanto ponto de partida para escrutinar modos de produzir e reproduzir espaço-tempo social urbano. Comer, enquanto cotidiano urbano, é sempre resultado da relação dialética entre o desejo e valores dos sujeitos e seus imaginários, e a materialidade concreta da cidade. A paisagem alimentar urbana produz e é produzida pelas dinâmicas urbanas, tem um perfil transdisciplinar, resulta de um fato social total e, ainda que sempre presente, tem estado invisibilizada no pensamento da produção das urbanidades. Propõe-se neste texto interrogar a paisagem alimentar urbana como forma de identificar o espaço-tempo social produzido e reproduzido na cidade.

O texto é organizado em quatro momentos – num primeiro ato, será conceitualizada a paisagem alimentar urbana a partir de referenciais teóricos centrais; num segundo momento, se interroga em que medida a paisagem alimentar urbana poderá ser ferramenta de leitura da produção

do espaço, para em seguida se debruçar sobre as dimensões da produção do espaço-tempo social. Por fim, o texto conclui com uma reflexão sobre oportunidades que o conceito de paisagens alimentares poderá levantar nos estudos das urbanidades.

II. AS PAISAGENS ALIMENTARES URBANAS – CONCEITUALIZAÇÃO

Conceitos complexos exigem cuidado epistemológico e uma atenção redobrada na sua definição. Para enquadrar o argumento deste texto de como a paisagem alimentar urbana pode ser instrumental para o estudo das urbanidades e de suas invisibilidades, é importante desconstruir o termo para depois reconstruí-lo em análise. Até porque o conceito de paisagem alimentar urbana não é tão familiar no léxico das cidades e dos estudos das cidades – sendo essa infamiliaridade, aliás, o que atribui relevância à proposta de que o olhemos com mais atenção – e faz-se necessário um enquadramento teórico acerca do que se entende aqui por *paisagens*, por paisagens *alimentares* e, então, por paisagens alimentares *urbanas*.

2.1 A paisagem

Para iniciar a conceitualização das paisagens alimentares urbanas, exige-se um esclarecimento inicial acerca do enquadramento onde se situa neste texto o conceito de *paisagens*. O estudo da paisagem tem longo histórico no âmbito da geografia, e ganhou relevância substancial no processo de industrialização e expansão urbana. Paisagem seria a *antítese* do urbano, e configuraria o imaginário de um ambiente pré-moderno, rural ou natural. De lá até hoje, o conceito tem evoluído de forma robusta, sendo hoje em dia inquestionável o papel existente na formulação das paisagens da relação entre a cultura e os sistemas naturais, promovidos pelo ser humano (Sedelmeier et al., 2022, Capítulo 2). Partimos aqui de três autores fundamentais para enquadrar a paisagem – Santos, Ingold e Appadurai - para que depois seja possível compreendê-la na sua especificidade *alimentar e urbana*.

Para Milton Santos, a paisagem é depósito dinâmico de relações sociais estabelecidas no tempo e no espaço, um dado social, e ponto de partida para a leitura das dinâmicas territoriais estabelecidas e registradas num palimpsesto permanentemente em atualização, *onde, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe* (Santos, 2002, p. 67). Para o autor, os objetos técnicos são resultado produzido para responder às necessidades dos homens e assim sendo, a paisagem enquanto uma ecologia de objetos, demanda uma tarefa interdisciplinar para que possa ser descrita, tendo a análise geográfica dos objetos como uma investigação sobre as civilizações que produziram esses objetos. Milton não isola o objeto da ação que o produz, e entende que a paisagem é o que materializa a ação,

quando a ação se converte em *trajetórias espaço-temporais da matéria* (idem, p.60), sendo o resultado do conjunto sucessivo de relações *localizadas entre homem e natureza*, que junta passado e presente de forma transversal e transtemporal (idem, p.67). Temos assim a paisagem enquanto resultado de ações, que se materializam em objetos, produzidos e reproduzidos em um espaço-tempo sucessivo e que se apresenta representado em um palimpsesto geográfico.

Para Ingold, a paisagem é a *possibilidade do habitar*, uma mútua produção entre o corpo e o espaço, uma incorporação mútua entre sujeitos e matéria (Ingold, 1993). Ingold traz para o estudo das paisagens o seu caráter sensível e sensorial. Por sensorial considera a possibilidade de sentir o mundo por dentro, o que transborda a concepção da paisagem enquanto conjunto situado de sentidos do corpo em relação ao espaço e ao tempo. Ingold posiciona uma centralidade no corpo enquanto sujeito produtor e reproduzidor da paisagem, trazendo para um nível fisiológico, sensorial, invisível, a produção de paisagens a partir dos sujeitos. Ele entende a paisagem como produto sensorial construído na relação do corpo com o mundo real, que “*à medida que encontra seu caminho pelo mundo, olha, escuta e sente de forma atenta para onde está se dirigindo*”¹ (Ingold, 2011, p. 315).

Appadurai define as “SCAPES” como sufixo capaz de dar atributo fluido e irregular às formas das paisagens enquanto construções elaboradas em perspectiva, e resultado dos fluxos culturais, económicos e políticos do mundo contemporâneo globalizado. O autor proõe cinco dimensões principais das SCAPES, sendo cada paisagem um tipo específico de fluxo em circulação: as *ethnoscapes*, *mediascapes*, *technoscapes*, *financescapes* e *ideoscapes*. (Appadurai, 1996)

A teoria dos SCAPES ajuda na compreensão dos impactos que a globalização exerce nos territórios localizados a na vida cotidiana das pessoas, a partir de fluxos diversos e complexos que atravessam fronteiras territoriais, e interseccionam dinâmicas económicas e culturais. É um olhar sobre a paisagem que tem como foco as relações que os processos globais produzem nas dinâmicas do espaço social. A paisagem alimentar urbana, ou a *foodscape*, ainda que não seja mencionada enquanto uma SCAPES no conceito de Appadurai, é ela mesma produto do conjunto de fluxos e relações que os processos de globalização exercem sobre os territórios locais e vice-versa. O sistema agroalimentar em um mundo globalizado produz paisagens alimentares locais próprias, impactados tanto pelos modos industriais e globalizados de produzir, distribuir e consumir comida, quanto pela força dos atravessamentos provocados pela mobilidade de pessoas e suas culturas alimentares no espaço e a

¹ Tradução livre da autora

capacidade de transitar com alimentos por todo o planeta, dissociando o consumo dos tempos naturais da produção e promovendo um afastamento dos sujeitos comensais da origem de suas comidas e dos modos de prepará-las.

Assim, a partir de Santos, Ingold e Appadurai temos um quadro ontológico da paisagem que é fio condutor para a conceitualização que será, entretanto, realizada acerca das paisagens alimentares urbanas – transtemporais, relacionais, incorporadas e sensoriais, palimpsesto resultante da relação entre os sujeitos e o mundo, fluidas e em permanente transformação e irregularidade, e inseridas em um sistema alimentar e urbano globalizado.

2.2 A paisagem alimentar

O conceito de *foodscapes* foi introduzido na década de 1990, dentro de um contexto de análise acerca das desigualdades espaciais dos sistemas alimentares com desdobramentos na saúde pública (Sedelmeier, 2023; Vonthron et al., 2020). Foi só a partir da década de 2010 que o conceito foi aplicado de forma crescente, sendo um tema novo no léxico dos estudos da paisagem e dos sistemas alimentares.

O desenvolvimento da geografia da comida enquanto sub-domínio da geografia humana é um processo recente e foi dentro do estudo da geografia da comida que o estudo das paisagens alimentares tem sido trabalhado nos últimos vinte anos. Esse processo resulta de uma evolução da forma como a geografia entendia o tema da comida – num primeiro momento, muito orientada para os estudos da geografia agrícola, focada na produção de alimentos, para então evoluir e atentar-se às questões relacionadas ao abastecimento e à demanda por alimentos. O espaço geográfico passa a olhar o sistema alimentar² a partir de uma perspectiva mais integrada, reconhece o papel do espaço na configuração e determinação dos sistemas alimentares, dando origem aos estudos acerca das paisagens da comida, ou as paisagens alimentares (Sedelmeier et al., 2022, Capítulo 3).

Nesse curto tempo de avanço do conceito, ele tem tido diversas conceptualizações e ao adentrar o escopo da sociologia a paisagem alimentar alarga o seu conceito, incorporando à perspectiva

² Por sistema alimentar entende-se o conceito de forma integrada, enquanto conjunto de atividades ligadas a toda a cadeia alimentar, inseridas em contexto ambiental e socio económico, conforme delineado por organizações como a FAO e o alto painel de especialistas em segurança alimentar e nutricional. (FAO et al., 2021; HLPE, 2017)

material doo espaço geográfico o conjunto de *arranjos institucionais, espaços culturais e discursos que mediam a nossa relação com a nossa comida* (MacKendrick, 2014, p. 16) .

Foram identificadas 4 abordagens principais nos estudos realizados acerca das paisagens alimentares: socio-espaciais (com foco no impacto da paisagem alimentar na saúde pública); socioculturais (com foco em desigualdades estruturais); comportamentais (com foco no micronível do indivíduo e como suas percepções afetam o comportamento alimentar) e por último, abordagens sistêmicas (debruçadas principalmente em uma crítica ao sistema alimentar global e seus impactos localizados nas dietas) (Vonthron et al., 2020). Entre todas as definições o ponto de partida é comum – apresentam as paisagens alimentares enquanto manifestação física-material, produzida pelos sujeitos e repleta de carga subjetiva (Sedelmeier et al., 2022, Capítulo 4).

Uma definição recorrente em diversos estudos sobre paisagens alimentares é que esta representa o conjunto de lugares e espaços onde se “*adquire a comida, prepara a comida, fala sobre a comida, ou simplesmente se acumula algum significado a partir da comida*” (MacKendrick, 2014, p. 16). Empresta-se essa definição do autor, à qual se agrega um carácter relacional fundador e a conceção acerca do que é uma paisagem. Assim, a paisagem alimentar é o espaço-tempo social produzido pelas relações que se estabelecem no nexu sujeitos-comida-território, em *perspetiva*.

É uma paisagem produzida no espaço e no tempo, em todas as escalas e em todas as dimensões do sistema alimentar (produção, distribuição, consumo), resultado da ação humana a partir de uma necessidade fisiológica e culturalmente concebida que configura *práticas alimentares* por sua vez inseridas sempre em situações / contextos sociais, políticos, económicos e ambientais (Poulain, 2004). A paisagem alimentar é um registo dinâmico de uma produção contínua, permanente, cotidiana, ordinária, biológica e cultural do espaço tempo social – de todos os entrelaçamentos e todo o palimpsesto que configura nossa relação com o território a partir da nossa relação primordial aculturada – o gesto do comer. A paisagem alimentar é o conjunto de práticas alimentares desenvolvidas na relação com o território, e inseridas em contexto político-económico, ambiental, social entre outros. Por isso mesmo, uma variação em algum desses sistemas (político, económico, ambiental, socio-cultural) vai provocar efeitos socio-espaciais e configurar paisagens alimentares distintas, na medida em que determina relações diferenciadas entre os sujeitos, a comida e os territórios. Assim, a paisagem alimentar é sempre irregular, em transformação e inserida nos fluxos e dinâmicas contemporâneas.

2.3 A paisagem alimentar urbana

É hoje consensual que os sistemas alimentares contribuem para aproximadamente 30% de todos os Gases do Efeito Estufa de origem antropogênica (Intergovernmental Panel on Climate Change et al., 2019), são os maiores responsáveis pela perda de biodiversidade (Benton et al., 2021) e pelo consumo de água no planeta. O sistema alimentar de hoje é capaz de produzir alimento para toda a população do planeta, mas não é capaz de sanar a tragédia social da fome, que vem hoje acompanhada de forma paradoxal do aumento concomitante do sobrepeso e da obesidade (FAO et al., 2023). A produção de alimentos de base industrial, acompanhada do aumento do consumo de ultraprocessados, além de ter impacto na saúde e nutrição dos sujeitos tem também sido apontada como causa das mudanças climáticas. Ao conjunto sinérgico de três epidemias (desnutrição, sobrepeso/obesidade e mudanças climáticas) se dá o nome de Sindemia Global. Um dos motores da sindemia é a expansão da urbanização e a transformação decorrente nos modos de vida, com pressão sobre as dinâmicas territoriais, sociais e temporais. (Swinburn et al., 2019)

É no meio urbano que consumimos aproximadamente 80% de todo o alimento produzido e em um mundo maioritariamente urbano, a paisagem alimentar é, principalmente, uma paisagem urbana. As nações unidas têm orientado os tomadores de decisão e a pesquisa em sistemas alimentares a que considere para o estudo das dinâmicas alimentares o *contínuo urbano-rural*, a partir das evidências que demonstram como os sistemas urbanos alimentares impactam territórios e relações que dissolvem fronteiras e a separação entre o rural e o urbano (FAO et al., 2023), ao mesmo tempo que tem proposto marcos de ação nos sistemas alimentares urbanos (FAO, 2019).

Se por um lado é produtora de processos críticos sindêmicos e globais, a paisagem alimentar urbana resulta do encontro entre o tempo da comida, o tempo da cidade, o tempo dos sujeitos, assim como costura territórios globais e locais, sistemas produtivos, distributivos e de consumo. Essa paisagem alimentar urbana traz para dentro da cidade vida, sabor, convivialidade, ao mesmo tempo que caracteriza os espaços, configura os ritmos da cidade, e exerce pressão sobre os sistemas naturais e econômicos. A paisagem alimentar urbana, se lida a partir de seus espaços físicos, pode informar modos da cidade de relacionar com o seu contínuo produtivo de influência, com o espaço público e seus usos, com fluxos migratórios e transacionais de pessoas, bens, ideias e serviços. Uma rua fechada ao trânsito e destinada a uma feira, uma praça ocupada com *foodtrucks*, um bairro habitado por população migrante, são exemplos de como a comida pode mediar a relação dos sujeitos com a cidade.

A comida – enquanto mediadora da relação sujeitos-território – concebe paisagens múltiplas e a paisagem alimentar

produz espaços do sensível e do sensorial, configura *terroirs* urbanos específicos, resultado da relação dos sujeitos, da comida e dos lugares, que transcendem a relação urbano-rural e que quer se goste deles ou não (...) são o que dá à vida urbana o seu sabor (Steel, 2013, p. 322).

A paisagem alimentar urbana é então o conjunto formado pelos lugares onde se interage com a comida, os ritmos dessa interação, as dinâmicas produzidas por essa interação, os significados que se produzem a partir dessas práticas. Como todas essas relações são resultado do contexto geográfico, ambiental, sociológico, económico e político dos lugares e dos sujeitos sociais, a paisagem alimentar urbana é o palimpsesto das dinâmicas que se estabelecem nos territórios entre os sistemas alimentares e o sistema urbano, a partir de uma prática cotidiana universal, individual, comunal e primitiva, e por isso mesmo, uma ferramenta com a capacidade de ler tanto elementos mais visíveis e evidentes quanto aqueles mais sensíveis e invisíveis presentes na produção do espaço social urbano. Mostra-se assim estratégica e absolutamente justificada, a tentativa de ler as urbanidades a partir das paisagens alimentares urbanas. Estas inserem a cidade nos circuitos de impacto globais ao mesmo tempo que dinamizam seus processos de ocupação internos e configuram possibilidades de habitar a cidade e de produzir urbanidades sensíveis. Ainda, a paisagem alimentar urbana, se olhada enquanto território de exercício do direito à alimentação no espaço urbano, e resultado das múltiplas formas e táticas na tentativa de exercer esse direito com autonomia, identidade e liberdade, constitui em si mesma testemunho de processos de luta política pelo direito à cidade.

III. A PRODUÇÃO DA PAISAGEM ALIMENTAR – MOBILIZAÇÃO DO CONCEITO

3.1 Interrogar a paisagem alimentar para identificar a produção do espaço

Paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano. (Santos, 2002, p. 69)

Para Milton Santos, é ao interrogar a paisagem que identificamos o espaço. A paisagem enquanto *espaço humano em perspectiva* (Santos, 2002, p. 68), constitui a ferramenta capaz de ancorar a leitura dos processos dinâmicos que – no tempo e no espaço – constituíram os modos de habitar e produzir os lugares.

Porém, para posicionar a paisagem alimentar urbana – a relação entre sujeitos-comida-territórios – enquanto chave de leitura da produção das urbanidades (do espaço-tempo-social), faz-se necessário conceber o que se entende por *espaço*.

Para Lefebvre, a *natureza do espaço* é ser produtor e produto das relações sociais estabelecidas no território a partir das dinâmicas de poder. O espaço é sempre um espaço social, e sempre produzido e reproduzido no tempo, e essa tríade indissociável – espaço; tempo; sociedade – desenvolve-se mutuamente, produto das estruturas de poder e lugar onde se produzem e reproduzem as relações de trabalho. Para Lefebvre, a natureza do espaço pode ser lida principalmente a partir dos conteúdos desse espaço, das práticas sociais do espaço, considerando que as teorias sobre o espaço e seus códigos abstratos pouco dizem sobre sua verdadeira natureza (Lefebvre, 1991).

Diferente de Lefebvre, que situa a natureza do espaço na dialética presente nas disputas de poder e a serviço da hegemonia de classe dominante, Santos centra mais a sua conceptualização nas propriedades relacionais estabelecidas nos espaços a partir das culturas dos sujeitos. Ele considera que o espaço é o conjunto *de relações localizadas estabelecidas entre o homem e a natureza mais a vida que as anima* (Santos, 2002, p. 66), uma construção horizontal, sempre no presente e única – a *intrusão da sociedade nas formas-objetos* existentes no território (Santos, 2002, p. 67). Para o autor, “*essas relações são respostas ao processo produtivo no sentido largo, incluindo desde a produção de mercadorias à produção simbólica.*” (Santos, 2002, p. 45). A partir de ambos, entende-se o espaço enquanto produto e produtor de relações sociais, estabelecidas entre o homem os diversos sistemas que este atravessa – naturais, sociológicos, institucionais, económicos, biofísicos, culturais – e que se configura e reconfigura permanentemente, a partir de relações produtivas e simbólicas.

A comida produz um conjunto possivelmente infinito de relações sociais, que atravessam os diversos sistemas, e resultado do conjunto de relações de produção e reprodução do trabalho e ainda de uma produção simbólica permanente.

Para Poulain, na imbricação entre a condição biológica omnívora dos sujeitos (que permite um grau de liberdade de escolha alimentar ao mesmo tempo que exige um grau de diversidade nessa escolha) e a condição ecológica do biótipo onde se insere o sujeito (sejam elas condicionantes económicas ou sociais das escolhas alimentares) encontra-se o espaço social alimentar (Poulain, 2004). Esse é o espaço das *práticas alimentares*, que variam no espaço e no tempo e que

“são lidas como o resultado do encontro de um comedor socialmente identificado, que podemos descrever através das categorias clássicas da sociologia (em termos de idade, de sexo, de classe social,

de nível de estudo...), de uma situação, de um contexto social identificado (tipo de repartição, festiva ou ordinária, domicílio ou fora de domicílio, público, privado) e de um alimento particular sobre o qual se agregam representações no interior de um universo sociocultural. Estes três elementos constituem o grau supremo do “triângulo do comedor”. (Poulain, 2004, pp. 205–206)

A produção do espaço urbano, realizada por intermédio dessa necessidade biológica do comer, é absolutamente compartilhada, cotidianamente repetida, culturalmente configurada, materialmente condicionada e biologicamente fundamental. Esse espaço social produzido pela comida compõe o conjunto de lugares íntimos e presentes, uma ocupação da cidade de forma integral – uma incorporação da cidade de forma culturalizada.

Dessa forma, o estudo das paisagens urbanas é potencialmente um instrumento de leitura de processos produtivos do espaço social. Entre a diversidade de paisagens urbanas existentes (sonoras, olfativas, naturais, culturais, etc), as alimentares são cumulativamente sensíveis e sensoriais, sociologicamente configuradas, em relação metabólica entre os sistemas naturais e culturais, resultado de estruturas institucionais, dinamizadas no tempo e no espaço, e incorporam um escopo de transdisciplinaridade e de multidimensionalidade que poderá contemplar uma leitura mais compreensiva, integrada e completa dos processos produtivos e reprodutivos do espaço-tempo social. Em 1979, Fishler publicou um texto que veio a se tornar fundador de estudos interdisciplinares sobre a alimentação humana, descreve o estudo da comida como

(...) um tema propriamente transdisciplinar, um “objeto com múltiplas entradas”, que deve ser considerado sob múltiplos pontos de vista: biológico, econômico, antropológico e etnológico, sociológico e psicossociológico, psicanalítico, psicológico, histórico, arqueológico, geográfico e geopolítico, e assim por diante (...) Isto significa que a transdisciplinaridade, mesmo aventureira, deve prevalecer sobre a simples multidisciplinaridade. Uma antropologia fundamental da alimentação terá de circular constantemente da química à mitologia, do simbólico ao biológico: a realidade, por outro lado, ignora as fronteiras disciplinares. (Fischler, 1979, p. 1) ³

O estudo da paisagem alimentar urbana, tomada como ponto de partida da leitura do espaço-tempo social produzido a partir dos cotidianos, poderá trazer uma leitura transdisciplinar, sensorial, sensível, visível e invisível da produção e reprodução do espaço urbano, enraizada naquela que é, possivelmente, a prática cotidiana informal mais ordinária - e também extraordinária⁴ - dos modos de vida urbanos.

³ Tradução livre da autora.

⁴ O comer urbano cotidiano ao mesmo tempo que marca rotinas, define tempos na organização das atividades urbanas *ordinárias*, é também feito extraordinário, possibilidade de rompimento na monotonia da cidade.

3.2 O espaço representado, praticado e representacional

A paisagem alimentar urbana é a síntese registrada de dois sistemas em si mesmo muito complexos – o alimentar e o urbano. A sua interrogação levanta desafios metodológicos e epistemológicos. Uma vez que a paisagem alimentar urbana insere em si mesma todos os processos, relações, espaços – materiais e simbólicos – que envolvem a relação dos sujeitos com a comida na cidade, ao mesmo tempo que é a inscrição multidimensional do sistema alimentar no espaço-tempo social – produção, distribuição e consumo –, ela é registro de um fenómeno social total, que se desenvolve em todas as escalas, e possivelmente em todas as disciplinas, com elementos subjetivos e objetivos, que demandam abordagens qualitativas e quantitativas (Vonthron et al., 2020).

Tentar lê-la para, a partir dela, identificar processos de produção do espaço-tempo social, impõe um exercício de integração de escalas (do global ao local), de disciplinas, de metodologias e dados diversos, de representações distintas.

Diversos estudos que olham as paisagens alimentares têm-no feito ora a partir de abordagens quantitativas, ora considerando comportamentos individuais em micro espacialidades, ora a partir de uma abordagem que denuncia o impacto do sistema alimentar global nos territórios, ora focados em abordagens socio-culturais com destaque para as desigualdades estruturais no acesso à alimentação (Vonthron et al., 2020). Para Sedelmeier (Sedelmeier, 2023), essas abordagens (ainda que muito ricas em suas experiências empíricas e seus resultados parciais), não são capazes de entregar uma leitura integradora sobre a complexidade da paisagem alimentar. O autor sugere que é necessária uma abordagem unificada e transdisciplinar, que acolha diversas triangulações – teóricas, metodológicas, de dados, de modelos de representação, de disciplinas e atores envolvidos.

Tendo como objetivo entender a paisagem alimentar urbana como ferramenta de leitura dos processos de produção do espaço, a estratégia é de recorrer à tríade proposta por Lefebvre para o estudo das dimensões da produção do espaço trazendo exemplos de como estas poderão ser lentes de análise de processos de produção do espaço a partir do estudo das paisagens alimentares urbanas.

3.2.1 - A paisagem alimentar urbana e o espaço concebido da cidade

A dimensão do espaço concebido (ou representado) da cidade diz respeito ao conjunto de códigos instalados no espaço, ou a forma como o espaço é produzido e reproduzido em relação com a ordem espacial estabelecida a partir das narrativas determinadas pela ideologia hegemónica e as

estruturas de poder. É o espaço do planejamento, da conceção a partir dos gestores e tomadores de decisão, dos regimes estabelecidos.

Ao interrogar a produção do espaço concebido a partir da paisagem alimentar urbana, é fundamental pontuar como a comida se manteve uma estranha ao planejamento urbano por muito tempo, com os planejadores urbanos atentos às diversas dimensões básicas da vida humana, com exceção para a comida (Pothukuchi & Kaufman, 2000). É a partir da atenção crescente acerca do abastecimento e consumo de alimentos e as dinâmicas promovidas a partir das cidades, que estas têm se tornado protagonistas no debate acerca da alimentação e têm sido responsáveis por propor soluções e inovações para a transformação do sistema alimentar, reconfigurando a geografia da segurança alimentar e nutricional (Sonnino, 2016), com o planejamento urbano tendo hoje papel importante na construção de sistemas alimentares mais sustentáveis e alinhados a outras metas de justiça social e ambiental (Morgan, 2013). A inserção da paisagem alimentar no pensamento urbano e na produção hegemônica de seus processos institucionalizados enfrenta desafios de ordem metodológica e epistemológica, uma vez que, como visto anteriormente, falar e agir sobre o tema da alimentação exige uma perspectiva inter e transdisciplinar.

Em uma análise da visão que 15 municípios (no Canadá, reino unido e EUA) colocaram nas suas estratégias alimentares, buscou-se identificar as motivações dos municípios para re-escalaram a questão alimentar para o nível local; os conceitos e ideias colocados no documento estratégico e a relevância que cada município atribuía acerca localização dos sistemas alimentares; para identificar se a estratégia estaria alinhada com uma emergência de uma narrativa que reconfigura-se a relação entre os atores dos sistemas alimentares e o espaço. A autora conclui que existe uma renovação da perspectiva municipal acerca do território, com maior atenção para as relações que se estabelecem em um contínuo espacial, econômico, social e ambiental entre atores de um sistema alimentar, apontando para o que a autora chama de *local relacional*, que dá mais ênfase aos espaços nodais e à coordenação do sistema, e uma maior integração das agendas locais (Sonnino, 2016).

Knight e Riggs propõem um novo paradigma urbano que seja capaz de responder aos desafios contemporâneos de nossas cidades, e que rompa com a separação entre território urbano e rural. A partir do conceito de *urbanismo nutridor* (“*Nourishing Urbanism*”), os autores propõem um quadro de pensamento e ação sobre as cidades que redefinia responsabilidades e funções dos urbanistas, que deverão centrar suas atividades no redirecionamento do uso do solo de forma a impactar positivamente nos recursos de energia, água e solo bem como na segurança alimentar, infraestruturas, saúde e design de nossas cidades (Knight & Riggs, 2011).

Ambos os exemplos ilustram como a paisagem alimentar tem sido cada vez mais trabalhada a partir do planejamento e gestão urbanas, com um novo entendimento acerca das competências sobre a geografia do comer contemporâneo. No Brasil, desde 2020 está ativo o Laboratório Urbano de Políticas Públicas Alimentares (LUPPA), uma plataforma para que os municípios brasileiros avancem nas suas políticas alimentares de forma integrada, sistêmica, e com participação social. O laboratório conta com dezenas de municípios participantes, e tem demonstrado resultados concretos e o engajamento das cidades com essa agenda (Comida do Amanhã & ICLEI América do Sul, 2023). Foi ainda reconhecido como exemplo de iniciativa para a alavancagem da transformação dos sistemas alimentares pelas Nações Unidas (FAO et al., 2023), demonstrando ao mesmo tempo a transformação em curso na paisagem alimentar concebida para o pensamento das cidades e para o interesse e reconhecimento nos espaços globais.

A paisagem alimentar urbana é intersetorial na gestão municipal, atravessa temas como meio ambiente, abastecimento, educação, assistência social, urbanismo, planejamento, entre outros. É também multiterritorial, tecendo-se a partir de relações que se estabelecem na cidade e da cidade com territórios mais ou menos contínuos. Por último, é produto de uma *multiagência*, exige uma perspectiva da gestão e do planejamento que seja relacional e que considere os diversos atores sociais envolvidos na produção dessa paisagem.

Ler a cidade a partir de como se pensa e planeia a sua paisagem alimentar poderá ser *ponto de partida* para identificar (i) a maturidade da cultura de gestão municipal em processos que são multisetoriais e multiterritoriais, (ii) a capacidade de entender os desafios contemporâneos das cidades e propor soluções que atravessem propostas setorizadas com baixo impacto e ainda (iii) entender como a cidade se posiciona em relação aos seus impactos transfronteiriços e como é (iv) capaz de dialogar com diversas vozes e interesses localizados. É uma janela para reconhecer como a cidade pensada insere a cidade praticada nos seus processos e produtos.

3.2.2 - A paisagem alimentar urbana e o espaço praticado da cidade

Em “*In the mood for love*”, Won Kar Wai costura a trama a partir dos ritmos coreografados da vida urbana (Kar-Wai, 2000). O trajeto e os tempos de adquirir comida nas ruas de Hong Kong é cenário para encontros e para uma temporalidade que suspende e contorna a história em torno dos dois personagens que se entrelaçam em seus silêncios e partilhas. A comida configura trajetos pelo espaço e marca ritmos urbanos, enquanto também reconfigura rotas e rompe com rotinas temporais estabelecidas. Onde se come, quando se come, como se come, configura espacialidades aceleradas

ou lentas, aglomeradas ou de circulação, compartilhadas ou individuais e promove uma série de dinâmicas tanto a partir da produção, quanto da distribuição, do preparo, e do consumo de alimentos. A prática alimentar organiza ritmos no espaço-tempo social. Essa organização é resultado do atravessamento da condição biofísica omnívora na cultura e nas estruturas materiais onde essa prática acontece. O conjunto de práticas alimentares em um território urbano configuram paisagens alimentares rítmicas que, por sua vez, produzirão modos de se relacionar com a comida no espaço e no tempo.

A dimensão do espaço percebido (ou prática espacial) da cidade diz respeito às localizações espaciais e aos espaços da prática diárias, dos cotidianos. É um espaço com alguma coesão, onde os processos de produção e reprodução das relações se materializam no tecido espacial e temporal. É o espaço dos conteúdos contidos nas formas, as práticas instaladas no tempo, a apropriação e ocupação das estruturas espaciais e resultado do encontro entre os tempos especializados. Lefebvre defende que o espaço social deve ser estudado considerando os ritmos do cotidiano (Lefebvre, 1991, p. 31), uma vez que ritmos serão o resultado do encontro entre corpos e territórios espaciais, entre cultura e natureza, entre paragens e circulação presentes na produção do espaço social.

Susan Parham tem se debruçado acerca dos espaços produzidos pelas práticas alimentares e em como os modos de comer na cidade, as tipologias espaciais que estes configuram, podem promover cidades mais sustentáveis e com mais convivialidade entre os sujeitos urbanos (Parham, 2015). A comida de rua, por exemplo, pode ser uma forma de reatribuir significado simbólico e atenção pública sobre o uso dos espaços públicos urbanos. Os cafés e bares trazem tempos e modos de ocupar a cidade próprios. A comida por *delivery* e *take away* povoa territórios urbanos desde a antiguidade, configura e reconfigura as fronteiras entre o espaço privado e público e suas performances.

Pagh, por sua vez, reconhece na comida o seu carácter estruturante no desenvolvimento urbano em um contexto de expansão do capitalismo (Pagh, 2015). A autora vai se debruçar sobre o papel da comida enquanto ferramenta para identificar onde o investimento económico está sendo direcionado nas cidades, a partir da análise do mercado de Torvehallerne. Para a autora, com o crescimento na procura por autenticidade e comunidade na vida urbana – tida como possibilidade de fuga à alienação - a competitividade das cidades está centrada no investimento nas atividades cotidianas e na vida pública. Sendo a comida elemento central dos cotidianos, elemento de expressão identitária e ativo na produção de espaços de convivialidade, olhar a prática do comer urbano e os investimentos nesse sentido, apontam para a direção do desenvolvimento das cidades.

Já Roe et al. (2016), a partir de uma investigação acerca das paisagens alimentares de Newcastle, propõem um quadro analítico da paisagem urbana a partir de suas práticas alimentares inseridas, com sete tipologias iniciais da paisagem urbana produzida na cidade. A partir de uma perspectiva fenomenológica da paisagem, consideram as pessoas como agentes ativos na sua produção, e argumentam que relações e identidades distintas na relação dos sujeitos com a comida irão produzir estilos de vida próprios e paisagens com características diversas e em constante co-evolução.

A paisagem alimentar urbana poderá assim ser *ponto de partida* para a leitura da cidade praticada, da ocupação de seus espaços, de entendimento sobre modos e estratégias de convívio entre os sujeitos e dos sujeitos com o território. Ao entender a paisagem alimentar enquanto lente de aproximação à produção do espaço vivido e experienciado, alarga-se o campo de análise e pesquisa acerca da sociologia das cidades e da antropologia urbana, entrelaçadas com os estudos e as novas geografias da segurança alimentar. Esse cruzamento disciplinar é promissor tanto para um avanço na qualidade de vida das cidades como poderá ser caminho para uma incidência mais efetiva na transformação das práticas alimentares em nossas cidades rumo a um sistema *urbano-alimentar* mais saudável, sustentável e justo.

3.2.3 - A paisagem alimentar urbana e o espaço representacional / vivido da cidade

Por espaço representacional entende-se o espaço usado a partir de apropriações simbólicas complexas. É o espaço clandestino ou invisível, do universo das subjetividades e das representações que os sujeitos fazem acerca dos lugares, produzindo-os. O espaço representacional diz respeito às construções simbólicas dos usuários desse espaço, que lhes atribuem significados a partir de suas práticas (Lefebvre, 1991).

As práticas do comer urbano concentram em si narrativas identitárias simbólicas, em constante negociação com a conceção dos espaços urbanos. Por narrativas identitárias entende-se uma afirmatividade sociocultural, através da qual os sujeitos periféricos *confrontam os seus* outros *antropológicos e compõem denúncias da sua mais crítica exclusão, ou mesmo expulsão do campo dos direitos (...)*. (Fortuna, 2020, p. 204). O carácter simbólico do sistema alimentar territorializado e das paisagens alimentares que este produz está presente em todas as práticas alimentares, já que comer é sempre um gesto culturalizado e provido de significado que atribui tanto ao alimento quanto ao comedor um significado, um *lugar no mundo* (Fischler, 1988). As nossas práticas alimentares impactam o nosso sentido de lugar e nossa percepção de escala no mundo. Afeta nossos corpos enquanto impacta

sistemas globais de produção e distribuição e é instrumento da produção de políticas identitárias e de processos de resistência e de luta política no espaço social – “nós somos o lugar onde comemos” (Bell & Valentine, 1997).

Como exemplo da carga simbólica inserida nas paisagens alimentares deve salientar-se a produção de paisagens identitárias étnicas, migratórias, diaspóricas, expressas por meio da comida. Comida e pessoas em movimento no espaço e no tempo produzem essas paisagens e as complexificam com os processos de aceleração do espaço-tempo. A comida tem um papel importante na afirmação da identidade dos sujeitos, bem como do seu pertencimento e alinhamento com valores compartilhados em determinados grupos sociais e da sua diferenciação a grupos sociais distintos (Bourdieu, 2007).

O papel simbólico inserido numa paisagem alimentar migratória é possível de ser lido no exemplo das mulheres migrantes filipinas que, todos os domingos, se encontram no térreo do distrito financeiro de Hong Kong. Esse encontro acontece há décadas, e as práticas alimentares identitárias filipinas são mote para esses encontros que produzem uma espacialidade e uma temporalidade distinta no cotidiano da cidade a partir de uma necessidade simbólica e sociológica de encontro e convívio identitário dessas mulheres, que fazem uso desse momento (e desse espaço) para trocaram receitas, comercializarem alimentos enquanto confraternizam e debatem acerca de seus desafios enquanto migrantes nesse território. (Dwyer, 2016)

Imbuído do discurso da identidade a partir das práticas alimentares tem sido possível acompanhar um movimento crescente de inserção da comida enquanto elemento central no desenvolvimento de políticas de turismo, sendo hoje a comida um fator chave na atração cultural dos lugares (Richards, 2015) e de atribuição de um caráter multicultural e de possibilidade de *incorporação* das culturas localizadas (muitas vezes de forma estereotipada). Esse caráter simbólico é instrumental em processos de gentrificação, tendo a comida como um formato de gentrificação pelo comércio com forte caráter identitário, como é exemplo o caso da reabilitação mercado central de Turim – caso comum e replicável na maioria de nossas cidades (Bourlessas et al., 2022).

A paisagem alimentar urbana poderá ser chave de leitura de processos sutis e simbólicos, de produção de imaginários urbanos, e de configuração de transterritorialidades, transtemporalidades e multisociabilidades presentes nas dinâmicas do espaço-tempo social.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades são aquilo que vemos nelas, mas são sobretudo aquilo que não vemos. Italo Calvino nos presenteou com dezenas de cidades invisíveis, que seriam todas elas, partes integrantes de uma mesma Veneza, visitada por Marco Polo que a descreve sob inúmeros pontos de vista a Kublain Khan (Calvino, 1972). A cidade é o conjunto de discursos, de simbologias, de processos em curso e que produzem seu espaço-tempo social. A visibilidade das coisas é, para Fortuna, uma cegueira epistemológica, na medida em que esconde e limita o entendimento e a leitura dos territórios (Fortuna, 2020). Essa cegueira resulta da discrepância que existe entre a cidade que se concebe nos planos e aquela que se vive nos cotidianos. É na invisibilidade inserida nos cotidianos ordinários que encontramos a *tarefa monumental* da reflexão sociológica sobre a cidade (idem) mas também uma esperança das demais ciências sociais e humanas para o entendimento dos espaços e dos tempos urbanos.

Ler as cidades a partir das suas invisibilidades presentes na paisagem alimentar permite uma abordagem intrinsecamente interdisciplinar e absolutamente localizada, e aproxima o entendimento das *espacialidades sensíveis*, que se encontram inseridas na informalidade dos *praticantes ordinários da cidade* e que “*são geografias sociais próprias, que assumem formas diversas e que, principalmente, são revestidos de significados, valores e linguagens atribuídos por quem deles se apropria e como os usa.*” (Fortuna, 2020, p. 201)

Se as cidades são produzidas a partir dos processos sociais e das estruturas de poder de um determinado tempo em disputa constante com as lutas pelo domínio do espaço e exercício do direito à cidade, o mesmo acontece com a comida. O que comemos, quando, onde, com quem, materializa as invisibilidades presentes nas estruturas de poder vigentes, na organização social localizada, em negociação e disputa permanente com as táticas estabelecidas pelos sujeitos pelo direito a se alimentarem de acordo com suas necessidades biofísicas e exercerem suas especificidades socio-culturais.

Para Steel, o espaço produzido pela comida, nas suas múltiplas escalas, é o espaço Sitópico. A autora propõe o conceito a partir da aglutinação dos termos gregos Sitos+Topos, ou o que poderia ser traduzido como “o lugar da comida”. Por seu caráter multidisciplinar, multiescalar, e presente na produção e reprodução de nossos espaços e sociedades desde sempre, Steel entende que pensar o espaço a partir da lente da Sitopia permitiria uma transformação dos territórios e dos modos de vida para uma realidade mais justa e sustentável, saudável, solidária e que, ao ser Sitópica, seria possível de almejar – ao contrário das U-topias, que são por definição inalcançáveis (Steel, 2020).

" Quando você começa a ver o mundo através da comida, tudo muda. Coisas aparentemente desconexas revelam-se intimamente ligadas; relacionamentos aparentemente confusos ganham relevo. A alimentação, como sabemos, é uma das maiores forças que moldam o mundo. Então, como podemos usar a comida para moldá-la melhor?"⁵ (Steel, 2013, p. 308)

A paisagem alimentar urbana enquanto ferramenta de leitura das urbanidades contemporâneas poderá levar para o estudo das urbanidades contemporâneas a lente epistemológica da comida enquanto prática cotidiana produtora de espaço social, enquanto poderá sofisticar o estudo dos sistemas alimentares urbanos atribuindo-lhes outras camadas de significado e complexidade. Constitui uma oportunidade epistemológica *radical e visceral* de estudo das urbanidades, no sentido em que olha para a cidade a partir de sua prática mais culturalmente primitiva e enraizada – o gesto do comer.

REFERÊNCIAS

- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. University of Minnesota Press.
- Bell, D., & Valentine, G. (1997). *Consuming geographies: We are where we eat*. Routledge.
- Benton, T. G., Bieg, C., Harwatt, H., Pudasaini, R., & Wellesley, L. (2021). *Food system impacts on biodiversity loss: Three levers for food system transformation in support of nature*. Chatham House. https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/2021-02/2021-02-03-food-system-biodiversity-loss-benton-et-al_0.pdf
- Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: Crítica social do julgamento* (T. Kern Daniela & Guilherme J. F, Trans.). EDUSP Zouk.
- Bourlessas, P., Cenere, S., & Vanolo, A. (2022). The work of foodification: An analysis of food gentrification in Turin, Italy. *Urban Geography*, 43(9), 1328–1349. <https://doi.org/10.1080/02723638.2021.1927547>
- Calvino, I. (1972). *As Cidades Invisíveis*. Biblioteca O Globo.
- Comida do Amanhã, I., & ICLEI América do Sul. (2023). *Cadernos LUPPA - aprendizados do 2º Lab* (cadernos LUPPA). Comida do Amanhã. <https://luppaassets.s3.amazonaws.com/Cadernos+LUPPA+ED.2.pdf>
- Dwyer, C. (2016). *A Sunday ritual for 300,000 women*. BBC Travel. <https://www.bbc.com/travel/article/20161109-a-sunday-ritual-for-300000-women>
- FAO. (2019). *Framework for the Urban Food Agenda*. FAO. <https://doi.org/10.4060/ca3151en>
- FAO, IFAD, UNICEF, WFP, & WHO. (2021). *The State of Food Security and Nutrition in the World—Transforming food systems for food security, improved nutrition and affordable healthy diets for all*. FAO. <https://doi.org/10.4060/cb4474en>

⁵ Tradução livre da autora.

- FAO, IFAD, UNICEF, WFP, & WHO. (2023). *The State of Food Security and Nutrition in the World 2023. Urbanization, agrifood systems transformation and healthy diets across the rural–urban continuum*. <https://doi.org/10.4060/cc3017en>
- Fischler, C. (1979). Présentation. *Communications*, 31(1), 1–3. <https://doi.org/10.3406/comm.1979.1464>
- Fischler, C. (1988). Food, self and identity. *Social Science Information*, 27(2), 275–292. <https://doi.org/10.1177/053901888027002005>
- Fortuna, C. (2020). Urbanidades Invisíveis. Em *Cidades e urbanidades* (pp. 199–214). Instituto de ciências sociais da Universidade de Lisboa.
- HLPE. (2017). *Nutrition and Food Systems* (A report by the High Level Panel of Experts on Food Security and Nutrition of the Committee on World Food Security).
- Ingold, T. (1993). The temporality of the landscape. *World Archaeology*, 25(2), 152–174. <https://doi.org/10.1080/00438243.1993.9980235>
- Ingold, T. (2011). Worlds of sense and sensing the world: A response to Sarah Pink and David Howes: WORLDS OF SENSE AND SENSING THE WORLD. *Social Anthropology*, 19(3), 313–317. <https://doi.org/10.1111/j.1469-8676.2011.00163.x>
- Intergovernmental Panel on Climate Change, Masson-Delmotte, V., WMO, & United Nations Environment Programme. (2019). *Climate change and land: An IPCC special report on climate change, desertification, land degradation, sustainable land management, food security, and greenhouse gas fluxes in terrestrial ecosystems : summary for policymakers*. Intergovernmental Panel on Climate Change.
- Kar-Wai, W. (Diretor). (2000). *Faa yeung nin wa / Disponível para Amar (PRT)*.
- Knight, L., & Riggs, W. (2011). Nourishing urbanism: A case for a new urban paradigm. *International Journal of Agricultural Sustainability*. <https://doi.org/10.3763/ijas.2009.0478>
- Lefebvre, H. (1991). *The production of space*. Blackwell.
- MacKendrick, N. (2014). Foodscape. *Contexts*, 13(3), 16–18. <https://doi.org/10.1177/1536504214545754>
- Morgan, K. (2013). The Rise of Urban Food Planning. *International Planning Studies*, 18(1), 1–4. <https://doi.org/10.1080/13563475.2012.752189>
- Pagh, J. (2015). Follow the food. How eating and drinking shape our cities. Em K. Lykke Syse & M. L. Mueller (Eds.), *Sustainable consumption and the good life: Interdisciplinary perspectives*. Routledge.
- Parham, S. (2015). *Food and urbanism: The convivial city and a sustainable future*. Bloomsbury Academic.
- Pothukuchi, K., & Kaufman, J. L. (2000). The Food System: A Stranger to the Planning Field. *Journal of the American Planning Association*, 66(2), 113–124. <https://doi.org/10.1080/01944360008976093>
- Poulain, J.-P. (2004). *Sociologias da Alimentação: Os comedores e o espaço social alimentar*. Editora da UFSC.
- Richards, G. (2015). Tourism and Gastronomy: From foodies to foodscapes (versão pré-publicada do artigo «Evolving Gastronomic Experiences: From Food to Foodies to Foodscapes»). *Journal of Gastronomy and Tourism*, 1(1), 5–17. <https://doi.org/10.3727/216929715X14298190828796>

- Roe, M., Sarlöv Herlin, I., & Speak, S. (2016). Identity, food and landscape character in the urban context. *Landscape Research*, 41(7), 757–772. <https://doi.org/10.1080/01426397.2016.1212324>
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção* (4. edição). EDUSP.
- Sedelmeier, T. (2023). ‘Foodscapes’ – light fare or substantial concept? *Berichte Geographie und Landeskunde*, 96(1), 26–36. <https://doi.org/10.25162/bgl-2023-0001>
- Sedelmeier, T., Kühne, O., & Jenal, C. (2022). *Foodscapes*. Springer Fachmedien Wiesbaden. <https://doi.org/10.1007/978-3-658-36706-0>
- Sonnino, R. (2016). The new geography of food security: Exploring the potential of urban food strategies. *The Geographical Journal*, 182(2), 190–200. <https://doi.org/10.1111/geoj.12129>
- Steel, C. (2013). *Hungry City: How Food Shapes Our Lives*. Random House. https://www.ebooks.com/en-br/book/1102251/hungry-city/carolyn-steel/?_c=1
- Steel, C. (2020). *Sitopia: How food can save the world*. Chatto & Windus.
- Swinburn, B. A., Kraak, V. I., Allender, S., Atkins, V. J., Baker, P. I., Bogard, J. R., Brinsden, H., Calvillo, A., De Schutter, O., Devarajan, R., Ezzati, M., Friel, S., Goenka, S., Hammond, R. A., Hastings, G., Hawkes, C., Herrero, M., Hovmand, P. S., Howden, M., ... Dietz, W. H. (2019). The Global Syndemic of Obesity, Undernutrition, and Climate Change: The Lancet Commission report. *The Lancet*, 393(10173), 791–846. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(18\)32822-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)32822-8)
- Vonthron, S., Perrin, C., & Soulard, C.-T. (2020). Foodscape: A scoping review and a research agenda for food security-related studies. *PLOS ONE*, 15(5), e0233218. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0233218>

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi desenvolvido no contexto da investigação em curso no âmbito do doutoramento em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas (FEUC / CES), realizada com apoio de bolsa de doutoramento atribuída pela Fundação Ciência e Tecnologia (FCT), número 2022.11329.BD.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Mónica Guerra da Rocha: Conceito, Metodologia, Redação.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIA DA AUTORA DO PAPER:

Doutoranda em Sociologia: Cidades e Culturas Urbanas pela Universidade de Coimbra/CES, é arquiteta pela Universidade do Porto e Mestre em Planeamento e Gestão Urbanas pela Universidade

de Aalborg. Cofundadora do Instituto Comida do Amanhã, um *think-tank* que apoia a transição para sistemas alimentares saudáveis e sustentáveis no Brasil.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.